

<https://doi.org/10.5965/24471267722021256>

"Arte na Educação - Educação na Arte"

de John Dewey

Laura Elizia Haubert

Introdução

Para qualquer leitor familiarizado com a obra de John Dewey não há dúvidas que seu monumental livro “Arte como Experiência”, publicado em 1934 como resultado de suas *William James Lectures* realizadas na *Harvard University* em 1931, é o eixo central de sua estética.

Tal eixo tem sido tomado como elemento único em uma história que, em verdade, é mais longa do que se conta. Como bem observou Seoane (2018, p.237-238): “se bem é certo que a explícita preocupação [pela arte] surge ao final de sua vida [...] as referências ao mundo da experiência estética aparecem praticamente por toda a sua obra. Não de um modo muito relevante [...] mas, sim, com sincero apreço.”

Agora, pensando a estética a partir de sua trajetória completa, e não somente de AE, poderíamos ver um longo percurso que vai desde seu primeiro livro *Psychology* publicado em 1887 até a introdução que Dewey escreve para o *Selected Poems* do poeta Claude McKay em 1947 que é publicado postumamente em 1953.

Neste sentido, uma melhor abordagem de sua estética seria entendê-la como possuindo duas fases segundo Robins (2015) y Campeotto e Viale (2018), a primeira marcadamente fragmentária, na qual temas estéticos e de arte aparecem de modo esporádico em livros e artigos; e a segunda etapa sistemática, a partir da década de 1930 com a publicação de AE e outros artigos nos quais a estética se torna um elo central para toda sua filosofia¹.

É a partir da concepção de que a estética deweyana se estende para além de “Arte como Experiência” que foi pensada a presente tradução do artigo intitulado “Arte na Educação – Educação na Arte” publicado no periódico *New Republic* no ano de 1926. O texto em questão é uma resenha escrita por Dewey do livro de Albert C. Barnes intitulado “A Arte na Pintura”² editado em 1925.

A respeito do livro limita-se a assinalar que nele Barnes desenvolve uma abordagem metódica da arte inspirada pela filosofia de Dewey³. Na obra, Barnes

1 Como bem nota Alexander (1987), em AE Dewey argumenta que podemos entender a experiência estética como uma prova a respeito da capacidade e da completude de uma filosofia. Nas palavras do filósofo: “[...] poderíamos dizer que a experiência estética é a experiência pura. [...] É a experiência estética, portanto, que o filósofo precisa recorrer para compreender o que é a experiência. Por essa razão, embora a teoria estética enunciada por um filósofo possa ser, acidentalmente, um teste sobre a capacidade de seu autor de ter a experiência que é objeto de sua análise, ela é também muito mais. É um teste da capacidade de experiência em si. Não há teste que revele de com tanta segurança a parcialidade de uma filosofia quanto sua abordagem da arte e da experiência estética.” (Dewey, 2010, p.472).

2 Sem tradução ao português. Albert C. Barnes foi um médico e empresário farmacêutico que se tornou milionário antes de fazer 30 anos graças a patente de um medicamento antisséptico chamado Argyrol. Durante sua vida Barnes cultivou uma genuína paixão pela filosofia moderna (James, Dewey, Santayana, Russell), pela educação e pela pintura. Durante a década de 1910 começou a colecionar pinturas modernas europeias e a organizar seminários sobre estética, filosofia e psicologia entre os trabalhadores de sua fábrica. Em 1922 criou a Barnes Foundation em Filadélfia, cujo objetivo era reformar os métodos da educação artística das escolas públicas dos Estados Unidos. Sobre a vida de Barnes ver: Greenfeld (1987). Sobre seu pensamento estético podem ser consultados os livros que escreveu sobre pintura e os artigos que publicou no *Journal of the Barnes Foundation* em 1925-1926.

3 Barnes dedica o livro “A Arte na Pintura” para Dewey, onde escreve: “Para John Dewey, cujas concepções de experiência, método e educação inspiraram o trabalho do qual este livro faz parte.” (BARNES, 1925, p.8).

tenta demonstrar de que forma seu método pode ser aplicado ao estudo de pinturas modernas e contemporâneas. Nas palavras do autor:

Este livro é um experimento de adaptação à arte plástica dos princípios do método científico. Pelo que eu sei, o plano como um todo é novo. A técnica, em seus aspectos psicológicos e lógicos gerais, é derivada do trabalho monumental de Dewey no desenvolvimento do método científico. (BARNES, 1925, p.xi)

Há que se observar que a relação entre Dewey e Barnes, e a influência decisiva de Barnes para o florescimento da estética de Dewey tem sido, pelo menos na última década, objeto de análise de uma série de estudos como se pode observar no trabalho de Hein (2011), Campeotto e Viale (2017 e 2018), Granger (2018a e 2018b) e Nakamura (2019) para citar apenas alguns dos mais recentes.

Deste modo, aqui, limita-se a elucidar brevemente a importância desta relação que permeia a estética de Dewey como um todo, e o texto traduzido a seguir de modo específico, a partir das próprias palavras do filósofo que elaborou um caloroso agradecimento ao amigo no prefácio de AE.

Minha maior gratidão é para com o dr. A.C.Barnes Os capítulos foram examinados com ele, um a um, porém o que devo a seus comentários e sugestões por causa disso é apenas uma pequena medida do meu débito. Tive o benefício de conversar com ele durante um período de anos, muitos dos quais ocorreram na presença da coleção ímpar de quadros que ele reuniu. A influência dessas conversas, junto à de seus livros, foi um fator preponderante na moldagem de meu pensamento sobre a filosofia da estética. Tudo o que possa haver de sólido neste livro se deve, mais do que sou capaz de dizer, ao grande trabalho educacional realizado na Fundação Barnes. (Dewey, 2010, p.58)

A resenha traduzida a seguir é um texto atraente segundo Campeotto e Viale (2017), na medida em que demonstra aspectos do pensamento estético de Barnes que Dewey em um primeiro momento assinala, e que nos anos seguintes, endossa como ponto de partida para sua própria estética.

Neste sentido, poder-se-ia compreender esta pequena resenha como um passo intermediário no percurso da estética de Dewey, entre sua estética fragmentária e sua estética sistemática, já que apresenta ainda um caráter fracionário, porém, antecipando temas que se tornam eixos centrais depois como a ênfase no aspecto cognoscitivo da experiência estética e a necessidade de um método para a educação estética. (CAMPEOTTO e VIALE, 2017).

Ainda em relação a Barnes, parece no mínimo curioso como bem observou Campeotto e Viale (2017) que logo no começo do texto Dewey conecte o livro de Barnes com o livro do filósofo Alfred North Whitehead intitulado "A ciência e o mundo moderno" publicado a primeira vez no ano de 1925.

Aqui parece valer a pena recordar que no ano de 1926 Dewey também publicou

uma resenha do livro em questão de Whitehead⁴. Na obra o filósofo britânico aponta o modo absurdo como os valores de sua época eram concebidos, divididos de modo insatisfatório entre rudes ou eruditos, sendo insatisfatórios em ambos os grupos.

Na resenha Dewey defende e retoma este ponto crítico de Whitehead a respeito dos valores para tratar do que chama da situação “catastrófica” da educação em seu momento que é concebida de forma equivocada, com tendências extremas a profissionalização e ao ensino compartimentalizado da ciência e da indústria moderna embasada na ciência⁵. Como destaca Pineda Rivera (2012), por um lado, essa compartimentalização, de antemão, busca afastar o homem das artes e das experiências estéticas. Por outro lado, gera um efeito devastador para o futuro da democracia. Em outras palavras:

Para Dewey, a ciência não podia salvar a democracia (ou pelo menos não apenas a ciência) porque a ciência tinha seus próprios problemas. Não era de fato muito irônico que a ciência, tendo destruído a verdade metafísica, reivindicasse para si uma verdade que existia fora da influência ou controle do fazer e do fazer humanos? Mais uma vez, os paralelismos de paradigmas críticos como o novo materialismo/positivismo, que estão em voga até mesmo nas humanidades hoje, são impressionantes. [...] Seu ponto de vista sobre esse tipo de ciência [...] ainda é válido hoje: uma ciência positivista não pode resolver os problemas da subjetividade ou da democracia. (BIEGER, 2020, par. 11)

Neste sentido, o livro de Barnes (1925, p.v-vi) é fundamental porque oferece justamente um método que visa sanar o respectivo problema da educação, entendendo que a arte não é um assunto de menor importância, e tampouco um mero entretenimento para os ricos, mas sim “[...] uma fonte de conhecimento [*insight*] do mundo, para o qual não há e não pode haver nenhum substituto [...]”.

Neste sentido, Dewey reitera aqui a relação tão importante entre educação e arte para a constituição dos indivíduos e da sociedade, ideia que já aparecia em obras educacionais anteriores e que aparece novamente em AE⁶. E, que ele parece sentir necessidade de defender frente as críticas.

Ora, agora, a última peça para entender o texto diz respeito ao nomeado “Sr. Stein” que aparece como oponente crítico. Leo Stein foi colecionador e crítico de arte

4 A resenha em questão do livro de Whitehead é intitulada “The Changing Intellectual Climate”. Esta, porém, não é a única vez que Dewey se ocupa do pensamento do filósofo britânico, de fato, onze anos depois, em março de 1937, Dewey publica “Whitehead’s Philosophy” no *The Philosophical Review*. Para maiores informações a respeito da relação entre Dewey e Whitehead vale a leitura dos dois artigos.

5 Recentemente Martha Nussbaum (2017) retomou a crítica da educação voltada apenas a renda e a profissionalização. A este respeito vale a pena a leitura de sua obra intitulada “Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades”.

6 Uma teoria da educação artística está presente ao longo de toda a vasta obra deweyana, ainda que se torne um eixo central de seu pensamento recém quando conhece Barnes e é nomeado Diretor de Educação da Barnes Foundation de Filadélfia em 1922. Com respeito a seu período em Chicago, onde se converteu em um dos principais pedagogos modernos, pode-se ver os artigos “Imagination and Expression” de 1896 e “The Aesthetic Element in Education” de 1897. Durante sua fase nova iorquina dedicou ao tema da educação artística o artigo “Art in Education” em 1911 e parte de “Democracia e Educação” (1916).

tendo atacado duramente o livro de Barnes (que era seu amigo) em uma resenha de 1925 publicada no mesmo periódico, o *New Republic*. Suas acusações eram de que Barnes mesclava arte e educação, tanto em seu método apresentado no livro, quanto na fundação. E ele estava em profundo desacordo com essa atitude já que em sua concepção a arte estaria acima da educação⁷.

Curiosamente, é justamente a atitude positiva de Barnes em relação a arte e educação que Dewey busca defender nesta resenha com tamanho fervor opondo-se à Stein. Dewey, assim, alinha-se como partidário de Barnes e como interessado na questão da educação estética.

Agora, muito resumidamente, pode-se dizer que o texto abaixo embora curto em número de páginas, possui um rico contexto e teoria por detrás que merece ser revisitado pelos leitores da estética de Dewey, e que sem dúvida, vai também interessar todos que refletem a relação entre a educação e as artes⁸.

Arte na Educação – Educação na Arte de John Dewey

Em recente revisão de um livro inspirador [este volume, p.221], a obra de Whitehead “A ciência e o mundo moderno”, as limitações de espaço me obrigaram a omitir a referência a muitas de suas considerações significativas. Uma delas era um apelo para a inclusão da apreciação estética no esquema da vida e da educação. O apelo é tanto mais significado porque é embasado em um princípio filosófico fundamental, não apenas em elogios diversos montados *ad hoc*. Para citar algumas de suas próprias palavras: “há alguma coisa entre os grosseiros valores especializados do homem prático e o fino valor especializado do erudito. A ambos os tipos falta alguma coisa. E, se combinamos os dois grupos de valor, não obtemos os elementos que faltam. O que se espera é uma apreciação da infinita variedade dos valores vividos realizados por um organismo em seu próprio ambiente. Quando compreendemos tudo a respeito do Sol e da atmosfera e da rotação da Terra, ainda nos falta conhecer a radiação do pôr-do-sol. Não há nenhum substituto da percepção direta da concreta realização e uma coisa na sua realidade. Queremos fatos concretos com uma forte luz lançada sobre o que importa para o seu valor”⁹.

Arte e apreciação estética é o que está faltando, “arte” denotando qualquer

7 Curiosamente mais tarde em 1934, Stein teceu críticas duríssimas também a “Arte como Experiência” de Dewey, por razões semelhantes à crítica que já fazia a Barnes. Em uma carta enviada a Mabel Weeks o crítico escreve a respeito: ‘Estou tentando ler o livro de Dewey sobre arte [...] é 50 por cento de tédio e 40 por cento de aborrecimento, ou vice-versa [...] Anos atrás implorei a Dewey que não escrevesse um livro sobre arte, ele precisava absorvê-la e refletir sobre ela. Ele respondeu que não tinha medo do fracasso. Bem, há 350 páginas do fracasso mais mortal que se possa imaginar. [...]’ (STEIN, Corresp. II 1934.11 17,18, N.20398).

8 Recentemente foi publicado o livro “Uma Estética de este mundo” que pode interessar aos leitores da estética de Dewey. A este respeito conferir a resenha de Haubert, Campeotto e Viale (2020).

9 Conferir excerto extraído de Whitehead (2006, p.244).

atividade seletiva pela qual as coisas concretas são arranjadas de modo a chamar atenção para os valores distintos realizáveis por elas. A apreciação estética e a arte assim concebidas não são acréscimos ao mundo real, muito menos luxos. Elas representam as únicas maneiras pelas quais os elementos individualizados no mundo da natureza e do homem são compreendidos. A ciência pressupõe que existam essas realizações individuais nas quais algo existe imediatamente por si, mas passa por cima do que são: o faz porque seu negócio está em outro lugar, a saber, nas relações que têm com outras coisas. Sem apreciação estética perdemos o que há de mais característico e também mais precioso no mundo real. Isto [também] é verdadeiro para questões “práticas”, ou seja, para atividades limitadas a efetuar mudanças técnicas, mudanças que não afetam nossas realizações agradáveis das coisas em suas individualidades.

A preocupação moderna com a ciência e a indústria embasada nas ciências tem sido desastrosa; nossa educação seguiu o modelo que elas estabeleceram. Preocupou-se com a análise intelectual e a informação formulada, e com a formação técnica para este ou aquele campo de atividade profissional, uma afirmação verdadeira como um todo, do estudioso dos clássicos ou da literatura ou das próprias artes plásticas como de especialistas de outras áreas.

O resultado é desastroso porque fortalece a tendência para o profissionalismo, ou a fixação de mentes em esquemas. “A pessoa fixa para os deveres fixos que são as sociedades mais antigas foram uma dádiva de Deus, no futuro será um perigo público.” O celibato físico da classe erudita da Idade Média é agora repetido em um “celibato do intelecto divorciado da contemplação concreta dos fatos completos.” Novamente, o resultado é desastroso porque leva os homens a tomar abstrações como se fossem realidades.

Os efeitos sociais são vistos na economia política tradicional com suas abstrações de vidas humanas individuais concretas, a teoria apenas refletindo, entretanto, as conceituações reais que reinam na indústria. É desastroso porque fixa a atenção na competição pelo controle e na posse de um ambiente e não no que a arte pode fazer para criar um ambiente; e porque levou à consideração complacente da classe média pelo conforto e segurança em um mundo em movimento, enquanto “no futuro imediato haverá menos segurança do que no passado imediato, menos estabilidade.” É desastroso porque a civilização construída sobre esses princípios não pode suprir a demanda da alma por alegria ou frescor de experiência; somente a atenção, por meio da arte aos valores vívidos, mas transitórios das coisas, pode efetuar tal renovação.

Essa renovação, ela própria transitória, ainda disciplina o ser mais íntimo do homem, uma disciplina “não distinta do prazer, mas por causa dele”, visto que moldam a alma para uma apreciação permanente de valores além do seu antigo eu.

Tal acusação à cultura existente, tanto em seu lado científico quanto industrial, com a alegação de que a apreciação estética inspirada pela arte é o elemento que falta, levanta a questão da conexão intrínseca entre a educação e as artes. Em uma revisão recente, o Sr. Leo Stein fez uma crítica adversa ao livro “A Arte da Pintura” escrito pelo Sr. A.C. Barnes, alegando que o livro foi afetado desfavoravelmente pelo interesse do Sr. Barnes na educação, conforme exemplificado em sua Fundação Barnes

como instituição educacional. A afirmação levanta em suas implicações a questão de o que é a pintura como arte em relação à educação. A arte na pintura é tão estranha à educação e à educação tão estranha à arte que elas devem ser mantidas separadas, ou a arte é intrinsecamente educativa, intrinsecamente por sua própria existência, e não em virtude de qualquer propósito didático ao qual está subordinada?

A resposta à questão é suficientemente clara do ponto de vista de uma filosofia como a do Sr. Whitehead. O livro e a Fundação que ele reúne propõem a questão de uma forma definida que propriamente fornece o ponto de partida para uma consideração mais específica do tema geral.

O livro foi escrito a partir da convicção de que a arte, conforme exibida na pintura é inerentemente educativa. Porém, as pinturas não educam instantaneamente, até que sejamos educados para desfrutar, para realizar, suas potencialidades educativas. A necessidade da educação prévia provém de muitas fontes. Parte das razões são apresentadas no que foi extraído do Sr. Whitehead: a submersão da apreciação estética pelas tendências dominantes de nossa cultura atual. Somos inconscientemente educados para nos afastar da arte na pintura por antecendência. Mas, também são mais específicas. Elas surgem da disposição dos artistas, ou pelo menos dos "conhecedores", de colocar a arte em um pedestal, de fazer dela algo esotérico, algo à parte dos valores inerentes a todas as experiências das coisas em sua plena integridade, e algo à parte da constante necessidade do homem comum.

Por sua vez, esta atitude é fomentada pelos costumes dos museus institucionalizados e pelos hábitos dos críticos profissionais. O celibato do intelecto encontrou seu caminho em galerias e histórias da arte, em livros sobre pintores e pinturas. A forte configuração da corrente social contra a realização estética é reforçada por influências que não apenas dão ao adorador de pinturas nenhuma ajuda diretiva, mas que na verdade confundem e enganam. Pois deixam a observação em tudo, exceto no que é vital, a elicitación da atenção dos valores distintivos realizáveis em todas as coisas, quando esses valores são selecionados e intensificados pelo olho e pela mão do pintor. O livro em questão tenta, assim como a Fundação educacional, uma reversão desse processo.

Visto que o Sr. Stein omitiu em sua revisão declarar os princípios pelos quais o Sr. Barnes consegue a reversão, posso ser desculpado por colocá-los [aqui]. Um deles é que o pintor percebe o maior gozo apreciativo das cenas da natureza e da vida humana por meio da integração completa dos elementos próprios da pintura, a saber, cor, incluindo luz, linha, arranjo espacial, este último incluindo padrão de superfície, solidez e profundidade. A forma plástica ou desenho é o resultado da fusão, da interpenetração desses elementos, e não deve ser identificada com o efeito de qualquer um deles tomados por si mesmos - o que, na verdade, só leva a uma superacentuação de alguma característica depreciativa do efeito estético do todo. Essa interpretação ou integração é então a coisa vital, comparável ao que, na terminologia do Sr. Whitehead, é a interação de valores individuais de tal forma que cada parte do todo reflete os aspectos de todas as outras partes, como o todo reflete aspectos da natureza que se estendem muito além da cena especificamente exibida. Ser educado

para a função educativa da pintura é, portanto, aprender a ver essa integração no todo e em todas as suas partes. O outro elemento na educação é o reconhecimento de uma tradição contínua que funciona no artista individual, mas não por meio da escravidão - o que define a arte acadêmica. Todo pintor significativo, ao respeitar e usar a tradição, acrescenta algo a ela a partir de sua própria visão e emoção pessoal, e seu acréscimo é qualitativo, transformador.

A declaração que acaba de ser feita é, obviamente, meramente preliminar, por si só, não é nada. Torna-se algo ao ser aplicada em detalhes à análise definitiva de um grande número de pinturas da época desde Giotto até os dias atuais. Voltamos às duas perguntas já feitas. Em primeiro lugar, a arte é intrinsecamente uma educação e uma educação imperativamente necessária ao ser humano? Em segundo lugar, a educação é necessária para ajudar o ser humano a ver pinturas para que sua função educativa seja realizada? Detesto acreditar que o Sr. Stein responderia negativamente a estas questões; e não creio que ele pertença ao esotérico que trataria a arte em pinturas ou em qualquer outro lugar como um mistério para poucos. Nesse caso, a diferença na avaliação de determinados artistas ou pinturas significa pouco ou nada em si. Pois, a essência do que o Sr. Barnes oferece é o método e um critério baseado nesse método. Se o método estiver correto, os erros em avaliações específicas devem ser corrigidos pelo uso do próprio método.

Método significa ou é a inteligência em ação, a negação da existência de qualquer método alcançável significa, portanto, a continuação do caos presente e a importância da apreciação estética: isto é, o não desempenho continuado daquela função educativa pela ausência da qual nossa civilização está sofrendo tão desastrosamente. Não devo obstruir minha própria opinião quanto ao valor do método. Mas, a existência da Fundação e do livro que apresenta suas ideias principais de método é um desafio. Eles afirmam que a apreciação estética inspira e dirigida pela arte é uma exigência legítima e imperativamente urgente do homem comum; eles afirmam que o método, a inteligência, podem ser empregados não apenas por alguns críticos para o deleite ou informação de um pequeno círculo, mas para que todos possam ser educados para obter o que a arte na pintura tem a oferecer. Eles fazem a última afirmação proferindo em geral e em detalhes um método, mostrando-o em operação. Portanto, eles levantam um problema de imensa importância na educação, um problema íntimo e vitalmente ligado à maior fraqueza da educação existente, uma fraqueza que afeta desastrosamente todas as fases da vida contemporânea. É esse fato que confere ao livro uma qualidade incomensurável com a de outros "tratados" sobre pintura e arte e que exige uma crítica correspondentemente fora do tipo usual.

Referências

ALEXANDER, Thomas M. **John Dewey's Theory of Art, Experience, and Nature: the horizons of feeling**. Albany: SUNY Press, 1987.

BARNES, Albert C. **The Art in Painting**. Merion, PA: The Barnes Foundation Press, 1925.

BIEGER, Laura. What Dewey Knew. **The Public as Problem, Practice, and Art**. *European Journal of American Studies*, 15 (1), 2020. <https://doi.org/10.4000/ejas.15646>

CAMPEOTTO, Fabio e VIALE, Claudio M. **Barnes' Influence on John Dewey's Aesthetics: a preliminary approach**. *Cognitio*, 19(2): 227-241, 2018. <http://dx.doi.org/10.23925/2316-5278.2018v19i2p227-241>

CAMPEOTTO, Fabio e VIALE, Claudio M. **Educación y Arte. Acerca de John Dewey**. *Cuestiones de filosofía*, 21(3): 135-164, 2017. <https://doi.org/10.19053/01235095.v3.n21.2017.7705>

DEWEY, John. **Art in Education and Education in Art**. *New Republic*, 24: 11-13, 1926.

DEWEY, John. **Whitehead's Philosophy**. *Philosophical Review*, 46 (2): 170-177, 1937. <https://doi.org/10.2307/2180740>

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira, 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959 [1916].

DEWEY, John. **Imagination and Expression**. In: BOYDSTON, J. A. (ed.). *The Collected Works of John Dewey. The Early Works of John Dewey*. Vol. 5 (p. 192-201). Carbondale y Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1972 [1896].

DEWEY, John. **The Aesthetic Element in Education**. In: BOYDSTON, J. A. (ed.). *The Collected Works of John Dewey. The Early Works of John Dewey*. Vol. 5 (p. 202-203). Carbondale y Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1972 [1896].

DEWEY, John. **Art in Education**. In: BOYDSTON, J. A. (ed.). *The Collected Works of John Dewey. The Middle Works of John Dewey*. Vol. 6 (p. 375-379). Carbondale y Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1978 [1911].

DEWEY, John. **The Changing Intellectual Climate**. In: BOYDSTON, J.A. (ed.). *The Collected Works of John Dewey. The Later Works of John Dewey*. Vol.2. 1925-1927. (p.222-226). Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1984 [1926].

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1934].

GRANGER, David. **The Science of Art: Aesthetic Formalism in John Dewey and Albert Barnes, Part 1**. *The Journal of Aesthetic Education*, 52(1): 55-83, 2018a. <https://doi.org/10.5406/jaesteduc.52.1.0055>

GRANGER, David. **The Science of Art: Aesthetic Formalism in John Dewey and Albert Barnes, Part 2**. *The Journal of Aesthetic Education*, 52(2): 53-70, 2018b. <https://doi.org/10.5406/jaesteduc.52.2.0053>

GREENFELD, Harold. **The Devil and Dr. Barnes: portrait of an American art collector**. New York: Viking, 1987.

HAUBERT, Laura Elizia; CAMPEOTTO, Fabio; VIALE, Claudio Marcelo. **Reseña del libro "John Dewey: una estética de este mundo"**. *Metafísica y Persona. Filosofía, conocimiento y vida*, 12(24): 168-174.

HEIN, George E. **Dewey's Debt to Barnes**. *Curator*, 54(2): 123-139, 2011. <https://doi.org/10.1111/j.2151-6952.2011.00077.x>

NAKAMURA, Kazuyo. **Progressive Vision of Democratizing Art: Dewey's and Barnes's Experiments in Art Education in the 1920s**. *The Journal of Aesthetic Education*, 53(1): 25-42, 2019. <https://doi.org/10.5406/jaesteduc.53.1.0025>

NUSSBAUM, Martha C. **Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

PINEDA RIVERA, Diego A. **El individualismo democrático de John Dewey. Reflexiones en torno a la construcción de una cultura democrática**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2012.

ROBINS, Alexander. **Aesthetic Experience and Art Appreciation: a Pragmatic Account**. [Tese de doutorado apresentada a Emory University]. Atlanta: Emory College, 2015.

SEOANE, J. **La experiencia estética como fundamento de la democracia deweyana**. In: ARENAS, Luis et al. (eds.). *John Dewey: una estética de este mundo*. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2018.

STEIN, Leo. "L. **Stein to M. Weeks, 1934.11.17,18"**. IN: HICKAMN, L. (ed.). *The Correspondence of John Dewey*. Vol. II. Charlottesville: Intalex, n. 20398, 2008 [1934].

STEIN, Leo. **The Art in Painting**. *New Republic*, 45: 56-57, 1925.

WHITEHEAD, Alfred N. **A ciência e o mundo moderno**. Tradução de Hermann Herbert Watzlawick. São Paulo: Paulus, 2006 [1925]. (Coleção philosophica).

TRADUÇÃO

Laura Elizia Haubert

Doutoranda em Filosofia pela Universidade Nacional de Córdoba, Argentina (Bolsista CONICET); Graduada e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Cursando uma especialização em Arte e Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Autora dos livros "Sempre o mesmo céu,

sempre o mesmo azul" (2017), "Memórias de uma vida pequena" (2019) e "Doce olho do furacão e outras fúrias" (2021, em edição). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7323-441X> E-mail: eliziahaubert@gmail.com Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0255851984072020>

Submissão: **22/04/21**

Aceitação: **06/06/21**